

Monárquicos recordam importância dos Templários na formação de Portugal



O Movimento Monárquico de Castelo Branco, com o apoio da Junta de Freguesia de Almaceda, organizou, domingo, em Almaceda, uma palestra subordinada ao tema *Templários e a sua ação na Região*, que teve como oradores Hermínio Esteves e André Gonçalves, numa sessão que contou com a presença do presidente da Junta local, José Custódio, e o vice-presidente do Movimento Monárquico, Luís Duque Vieira.

André Gonçalves iniciou a palestra abordando e origem da Ordem do Templo em 1095 aludindo à primeira cruzada organizada pelo Papa Urbano II. Em 1096, entre outras conquistas foi conquistada Jerusalém. A Ordem inicia-se com nove cavaleiros, chefiados por Hugo de Payens, com a missão de proteger os peregrinos que visitavam a Terra Santa. Pela influência do grande mentor da Ordem S. Bernardo de Claraval a Ordem é reconhecida pelo Papa, tendo sido criada no Concílio de Troyes, ficando com o nome de Milícia dos Pobres Cavaleiros de Cristo. Os cavaleiros adotaram o manto branco com a cruz vermelha, tendo sido criada em 1146 a Regra da Ordem. Cada candidato, ao ingressar, doava todos os seus bens à Ordem e prestava juramento perante os Santos Evangelhos e ao Papa, como fidelidade, pobreza e castidade.

Na sexta-feira dia 13 de outubro de 1307, os Templários em França foram presos e torturados, dado que o Rei Filipe, o Belo, era devedor de imensa quantidade de dinheiro à Ordem.

Em Portugal a Ordem nunca foi extinta, nem lhes foram confiscados os bens graças à inteligência, visão e diplomacia do Rei D. Diniz perante o Papa que autorizou a mudança do nome de Ordem do Templo para Ordem de Cristo, mudando também a cruz.

Em 1314 o último Grão-Mestre da Ordem foi queimado na fogueira com outros confrades, tendo vaticinado publicamente que o rei de França e o Papa iriam morrer no espaço de um ano, o que veio a acontecer.

Uma das acusações, entre muitas, de que os Templários foram alvo, foi a de adorarem a figura de Baphomet (do grego, iniciação à Sabedoria).

Por seu lado Hermínio Esteves recordou que na Idade Média, a principal peregrinação era visitar os lugares santos em Jerusalém ou ir a Santiago de Compostela. Como não havia proteção nos caminhos até Jerusalém foi aí que começou a Ordem. Começou nesse tempo a proliferação de relíquias, verdadeiras ou falsas, pois rezar diante de uma relíquia era muito importante. Para os viajantes e peregrinos a Ordem criou um método de viajar sem dinheiro, depositando uma quantia à partida recebendo um título podem do levantar a quantia à chegada, tendo criado os Templários o que atualmente designamos por cheque.

Em Portugal, o Condado Portucalense foi formado com a ajuda dos Templários, pela doação de Vila de Fonte de Arcada e Castelo de Soure.

A conquista de Lisboa foi alcançada com a ajuda dos Cruzados vindos do Norte da Europa e que iam pela segunda cruzada rumo à Terra Santa.

Castelo Branco foi tomada aos Muçulmanos desde 1165, tendo sido doada aos Templários por D. Afonso Henriques, o qual era membro da Ordem.

Os Templários tiveram uma função importante e decisiva na formação e continuidade do Reino de Portugal.

NA OBRA DE JOÃO ROIZ E NO *CANCIONEIRO GERAL* DE GARCIA DE RESENDE

António Salvado fala da censura da Inquisição

O poeta continua a divulgar e a aprofundar a obra de João Roiz recolhida no *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende



António Salvado

A Biblioteca Municipal de Castelo Branco recebe, dia 28 deste mês, a partir das 18 horas uma palestra subordinada ao tema *João Roiz de Castelo Branco e a Inquisição*, que tem como orador António Salvado.

O encontro é uma oportunidade para se tomar conhecimento de uma insólita circunstância que diz respeito ao

autor da *Cantiga Partindo-se*, tratando-se da censura que o censor do Tribunal da Inquisição fez em versos de composições do poeta, poemas esses

constantes do *Cancioneiro Geral de Garcia de Resende* (1516), também esta edição acentuadamente censurada.

Refira-se que a personali-

dade e a obra de João Roiz, apesar do número reduzido de poemas da sua autoria que passaram à posteridade, continuam a constituir objeto de firme atração.

Daf que, mediante determinada análise exaustiva do conteúdo dos versos censurados pela Inquisição, a palestra de António Salvado se destaca por trazer mais uma surpreendente novidade sobre a personalidade do poeta Albicastrense.

De referir, também, que a palestra é dinamizada no seguimento das Comemorações dos 500 anos da morte do poeta Albicastrense João Roiz de Castelo Branco, que no ano passada contaram com conferências, exposições, recitais, concertos e a apresentação de uma medalha comemorativa.

Alfredo da Silva apresenta autobiografia

A Biblioteca Municipal de Castelo Branco acolheu, sexta-feira, a apresentação do livro *Uma Vida por Dois Continentes e Uma Visão do Estado da Nação*, da autoria do economista e empresário Alfredo da Silva.

Trata-se de uma autobiografia, com a chancela da *RVJ Editores* que apresenta o percurso pessoal, profissional, académico, associativo e de intervenção cívica do autor.

O autor apresenta dois capítulos dedicados ao Estado da Nação nos quais, mostra a sua visão e apresenta algumas propostas de soluções.

Recorde-se que Alfredo da Silva Correia desempenhou entre outras, as funções de



presidente do NERCAB, da Associação Comercial e Empresarial de Castelo Branco, da Associação Nacional de Transportes Rodoviários de Pesados de Passageiros (ANTROP) e da Rodoviária da Beira Interior SA. Enquanto empresário fundou várias empresas.

Na apresentação da obra Maria de Lurdes Barata afirmou que o livro representa um exemplo de vida de alguém que "aos 19 anos foi trabalhar para o sertão africano" e que em 1974, fruto da descolonização, perdeu tudo o que tinha, regressando a Portugal com a família.

No livro o autor recorda que teve "uma vida bem cheia de experiências e deixá-las escritas será, assim o penso, sempre salutar. Pelo menos os meus descendentes não deixarão de ter gosto em saber das suas origens, e talvez até em aprender com as experiências de um familiar que nasceu bastante pobre, foi aos 19 anos trabalhar no sertão africano, com a descolonização perdeu tudo o que tinha e regressou, em 1974, à sua terra natal onde teve de construir, a partir do zero, uma nova vida".

O presidente da Câmara de Castelo Branco, Luís Correia, enquanto filho do autor, abordou o percurso de vida retratado no livro.

Ex-aluna da ESART publica livro sobre violoncelo

O Violoncelo: jogos para miúdos/prescrições para graúdos é o livro da autoria de Ana Raquel Pinheiro, que foi publicado pela editora Gradiva em abril.

Refira-se que Ana Raquel Pinheiro, que é violoncelista e professora de violoncelo na Academia de Música de Santa

Cecília, residindo atualmente em Lisboa, é natural da Covilhã e ex-aluna da Escola Superior de Artes Aplicadas (ESART) de Castelo Branco.

O livro foi certificado pela ESTA Portugal (European Strings Teachers Association) e contou com apoios da Fun-

ção GDA (Gestão dos Direitos dos Artistas) e da Academia de Música de Santa Cecília.

Trata-se de uma obra de caráter pedagógico destinada à aprendizagem do violoncelo e de outros instrumentos de arco, uma vez que é facilmente adaptável para violino, vio-

leta e contrabaixo.

De destacar, também, que é o primeiro livro de ensino da técnica do violoncelo a nível nacional uma vez que até à data o ensino deste instrumento não contava com qualquer suporte pedagógico desta natureza em língua portuguesa.